

RECUPERANDO A HISTÓRIA – 9

A TEMPESTADE

“Houve, neste ano [1926], nos últimos meses, uma espécie de revolução, ou antes uma tempestade, que iria limpar os ares carregados. Por motivos não edificantes, quase uma dúzia de Catequistas e Aspirantes saíram, ou deviam sair da benemérita Companhia. Esta saída, porém, em vez de enfraquecer, foi de utilidade e vantagem para a Companhia e para o povo. Sensivelmente e ligeiramente calou-se a boca do mundo. Aí está a prova da verdade do dito do povo: ‘A justiça começa na própria casa’, e ‘eficazmente ensina quem faz e pratica o que ensina’. Tal verdade evangélica vale também para as Catequistas. Queira Deus, que o espírito de São Francisco, que é o Evangelho com o novo Regulamento, venha implantado nos corações das Catequistas, e traga fruto, cento por um. Alguns dos pontos principais do novo Regulamento são: a recepção cuidadosa das aspirantes, a preparação mais rigorosa e a clausura, a maior possível para todas.

No dia 16 de julho, morreu o segundo fundador da Companhia, o Sr. João Cereale. A morte era companheira fiel da vida verdadeiramente católica. Até o último dia, atencioso e assistente aos atos religiosos na matriz, sucumbiu o nonagenário a um ataque de coração, perdendo o uso dos sentidos e morrendo placidamente, depois de ter sido ungido no mesmo dia. Seu enterro, no domingo de tarde, às 4h00, foi um ingresso triunfal no cemitério ‘Sepulcrum ejus erit gloriosus’ R.I.P.

No fim do ano, voltou a sua casa a Dona Dorsolina Zanghelini, depois de ter recebido o Capital por ordem da Diretoria, que ordenou que d’ora em diante o Colégio não fosse mais habitado por pessoa qualquer que seja, a não ser Catequista, sendo a casa chamada ‘Colégio das Catequistas’.”

... E A BONANÇA

“O ano de 1927 foi um ano de bênção para o Colégio. Ficaram todas, e ficaram mais seguras e chegadas ao Regulamento. Previsto pelo Regulamento, ficou superiora da casa: Maria Tambosi; vice: Virgínia Fornari; mestra das Noviças: Rosalina Campos. No final do ano, 5 fizeram profissão para a Ordem IIIª e ficaram Catequistas, e 6 entraram no Noviciado.

O ano 1928 também trouxe bênção abundante à Companhia. Abriram-se escolas novas em Luiz Alves e São Pedrinho. Para servir de sapateira à Companhia, mandou a Diretoria a Virgínia Fornari a Florianópolis, no Colégio das Irmãs. Tendo feito bons progressos, voltou a Rodeio, mas com o pensamento de voltar a Florianópolis. Havendo notícia a Diretoria desta

resolução da Catequista Virgínia Fornari, sem demora a deixou seguir a vocação nova.

Entraram no Noviciado 5 Aspirantes.”

[Frei Bruno escreveu uma carta a Dom Joaquim sobre o andamento da Companhia e registrou na Crônica parte da resposta do bispo]:

“Com chave de ouro, com a pena abençoada na mão sagrada, fechou o ano 1928 em termos seguintes o Exmo. Sr. Bispo, eleito Arcebispo de Florianópolis, egrégio antístite *[prelado]* e legítimo representante de Deus: ‘Que boas notícias que deu (posto que fossem de esperar), em sua carta de julho, sobre o bom andamento das Catequistas. Sempre me parecia essa, entre as congêneres, uma obra de Deus *[Frei Bruno sublinhou três vezes esta expressão]*. E que o é, basta verificar a boa soma de serviços que a despeito da sua recente fundação já tem espalhado pela Diocese. Esses benefícios porventura estão ainda mais assegurados, como ouço, pela promulgação dos novos estatutos e escolha da nova Diretoria. Sendo assim, aí vemos a obra de Deus *[novamente sublinhado três vezes]*, à qual, de coração uno todo o meu aplauso, esperando que seja confirmada e ratificada pelo novo Pastor da Diocese. O que não quer dizer, no meu humilde modo de pensar, que com o tempo não fosse aconselhável pensar em designação de uma Diretoria própria, sob a direção moral das Irmãs e do Vigário. Congratulo-me, pois, com esses bons resultados (...) e recomendo-me às santas orações.”

(Crônica da Congregação, Livro 1, pp. 11v. a 13)

Para ler e aprofundar

VALANDRO, Ede Maria. *Em resposta ao clamor do Povo*. Joinville, 1990, pp. 135 a 141.

Para refletir e rezar

1. O que nos chama a atenção neste texto da Crônica? Ou, que aspectos revelam que Deus foi “moldando” a sua obra?
2. O que aprendemos do período da “tempestade”, pelo qual passou a Companhia?
3. Que fundamentos de espiritualidade é importante cultivar para vencer as “tempestades” do nosso tempo?
4. Expressar pedidos de perdão, por situações em nível pessoal e de congregação, que não testemunham os valores franciscanos de nosso carisma.

Joinville, 31 de maio de 2014
Irmã Anita David